

Goldgrub, Franklin. O pensamento de M.Klein está em "Evoluções". **O Estado de São Paulo**, São Paulo,24.ago.1989. Caderno 2, p.4

O pensamento de M. Klein está em "Evoluções"

Teórica da psicoterapia infantil, a vienense Melanie Klein tem sua obra revisitada por psicanalistas britânicos, em livro que traz um texto inédito de sua autoria.

Grandes heranças geram grandes disputas. O fantástico (em mais de um sentido) legado de Freud já começara a ser dilacerado antes de sua morte, com o comedimento que o respeito ao patriarca impunha. O processo intensificou-se a partir de 1943, quando a sociedade britânica de psicanálise se fragmentou ao peso das contribuições de Melanie Klein (1882 -1960), dando lugar a uma oposição entre seus adeptos e os ortodoxos. Essa cisão, informa-nos a introdução de **Melanie Klein - Evoluções**, suscitou - quem sabe devido à dificuldade de distinguir o seio bom do mau - um terceiro grupo, independente. Na França, algo semelhante ocorreu, mas foi seu pivô, Jacques Lacan, quem saiu para fundar uma primeira escola dissidente, depois outra e mais outra, até saciar seu pendor "mao-bakhunista" pela abolição de todas.

Desde então, a célebre rixa franco-britânica confinada aos livros de história ressuscitou com vigor inaudito, pois entre Klein e Lacan, mestres da era pós-freudiana, o abismo é profundo e a ponte frágil. Mas se o conflito teórico opondo as escolas francesa e inglesa tende a repetir a guerra dos cem anos, não terá sido por ausência de mediadores. A editora brasileira Escuta, transitando entre essas trincheiras, publica lacanianos kleinianos e independentes (além de autores cuja temática escapa ao debate), numa louvável tentativa de rediscutir a epistemologia psicanalítica sem sectarismos.

Evoluções traz as últimas contribuições da escola inglesa segundo a ótica do organizador Elias Mallet da Rocha Barros, contrabalançando um pouco o acentuado predomínio editorial lacaniano. Em certo sentido, o livro permite conjecturar o motivo dessa disparidade; os textos lacanianos, infestados de referências eruditas e abusando do hermetismo, refletem não obstante uma inclinação literária. Em oposição, os co-autores de *Evoluções* obedecem talvez ao modelo da própria Klein (representada por cinco páginas inéditas): certo descuido com a expressão, que evoca menos a sobriedade do que uma incômoda deselegância. Poder-se-ia objetar que ciência não é literatura; essa asserção, porém, esqueceria até que ponto a linguagem permeia objeto, método e teoria em psicanálise...

As coletâneas costumam dispersar os temas, mas alguns acabam por impor-se. O conceito de identificação projetiva, um dos eixos da técnica kleiniana atual, comparece na maioria dos ensaios. A honestidade com que os textos deixam transparecer a impropriedade de seu uso, capaz de provocar estupor no mais distraído leitor de Freud, é proporcional à questionabilidade de sua índole psicanalítica. De fato, através da identificação projetiva, a doutrina kleiniana

promove uma ampliação do conceito de transferência, "...de maneira a usar os sentimentos do analista como fonte de informação sobre o paciente" (p. 88). Brenman Pick exemplifica: "*Sugerir que não somos afetados pelo poder de destruição do paciente ou por seus penosos esforços para nos atingir, representaria não neutralidade, mas hipocrisia ou insensibilidade*".

Infelizmente, não se trata de uma exceção, mesmo se Bion evoca outros aspectos; assim, munida de documentação forjada a contratransferência acede à cidadania teórica psicanalítica, tão injustificadamente como uma baleia poderia passar por peixe... É algo - mas não muito - reconfortante saber que a própria Klein "...*deve ter ficado atônita*" (p. 78) com tais desenvolvimentos. Um realismo maior do que o do rei tampouco está ausente entre os lacanianos, cuja técnica freqüentemente se rende ao duvidoso encanto dos trocadilhos. Diante de tais exemplos, e parodiando a nostálgica frase a respeito de Gardel, também é possível afirmar que Freud está escrevendo e teorizando cada vez melhor.

Analisada por Ferenczi, colaboradora de Abraham e escudada em Jones, Melanie Klein cumpriu o vaticínio de seus mestres com relação à importância das contribuições que se esperavam da psicoterapia infantil (tema de uma célebre divergência com Anna Freud) para a teoria psicanalítica. Desembarca em Londres para trazer uma nova peste que, se silenciou os rancos teóricos ortodoxos, não deixou de sacrificar conceitos freudianos fundamentais. A polêmica prossegue, mas não há como negar que o complexo de Édipo - praticamente ausente de *Evoluções*, a não ser por uma inacreditavelmente truculenta reinterpretação de Brenman (p. 138) - se torna quase irreconhecível na ótica kleiniana.

De fato, os desenvolvimentos teóricos da escola inglesa confiscaram em benefício do primeiro ano de vida a importância concedida por Freud à fase fálica enquanto reorganizadora das anteriores (oral e anal), entronizando correspondentemente a figura materna. O bebê, convidado a aceitar a vida fora do paraíso uterino, reage mediante ansiedades persecutórias às inevitáveis frustrações, odiando e amando intensamente a figura todo-poderosa que o alimenta e protege. Resta-lhe aceitar a separação e elaborar a perda.

Em conseqüência, o analista kleiniano tenderá a ver-se representando o papel de uma mãe continente, dando ênfase total ao aspecto transferencial para promover a superação da simbiose e a aceitação da alteridade. A notável descoberta das fantasias arcaicas, porém, dificilmente poderia secundarizar a complexa problemática que se entende do nascimento até o início da fase de latência (7 anos). *Melanie Klein - Evoluções* certamente suscita, ainda que pelo ângulo da polêmica, o interesse da comunidade "psi".